



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

INDIRAH NATALI DE OLIVEIRA SILVA SOARES

**O BRASIL CONTEMPORÂNEO EM *NÃO SE COME DINHEIRO* DE AILTON
KRENAK**

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA

2025

INDIRAH NATALI DE OLIVEIRA SILVA SOARES

**O BRASIL CONTEMPORÂNEO EM *NÃO SE COME DINHEIRO* DE AILTON
KRENAK**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação- Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como pré-requisito para obtenção do título de licenciada em História

Orientadora Prof^a. Dra. Marinélia Sousa da Silva

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA

2025

INDIRAH NATALI DE OLIVEIRA SILVA SOARES

**O BRASIL CONTEMPORANEO EM NÃO SE COME DINHEIRO DE AILTON
KRENAK**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação- Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como pré-requisito para obtenção do título de licenciada em História

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marinélia Sousa da Silva (UNEB)
Orientadora

Prof. Me. Maria Cezarela Oliveira Carvalho (UNEB)
Examinadora

Prof. Dra. Ilzimar Glória Ferreira Oliveira (UNEB)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Jesus Cristo, por nunca ter me abandonado, por estar sempre presente em minha vida e por jamais ter desistido de mim.

Agradeço profundamente à minha mãe Luiza, minha fortaleza e meu alicerce, por todo apoio e incentivo. Ao meu pai José, que já não está entre nós, deixo minha eterna gratidão. Tenho certeza de que ele estaria muito contente com essa conquista.

Minha filha Luna também merece um agradecimento muito especial. Mesmo tão pequena, ela ilumina meus dias com alegria, serenidade e paz.

Agradeço a toda a minha família, que sempre esteve ao meu lado, ainda que eu não cite todos os nomes. São muitos os que foram fundamentais ao longo dessa jornada, e, por isso, prefiro agradecer de forma geral, para não cometer a injustiça de esquecer alguém.

Sou grata aos colegas da turma de 2017.2, onde tudo começou, especialmente aos meus conterrâneos Alessandra, Dannielle e Klaus. Obrigada pelos momentos de leveza, afeto, alegria e apoio mútuo. Quando estamos juntos, nos fortalecemos. Tive também a alegria de conhecer colegas de outras cidades, que se tornaram parte da minha caminhada: Cláudia, Raquel Matos, Maíra, Jordana, Sidnelson, Weldert, Jocimara, Marina, Deyvson, Rerisson e Ronaldo. Se por um lado acabei citando alguns nomes, por outro sei que não seria possível mencionar todos os colegas da turma, mas cada pessoa com quem compartilhei este ciclo teve sua importância, algumas de forma mais pontual e outras de maneira mais marcante.

Agradeço também aos colegas de outras turmas com quem convivi depois de me desmembrar da turma original. Em especial, à turma das Claras (no plural pois são duas rsrs), à Sabrina, à turma de Catianne, Siomara e John — este último, inclusive, foi meu parceiro na Bolsa de Iniciação Científica. Cada um deles contribuiu com carinho e apoio nos momentos certos.

Também sou grata aos colegas que compartilharam comigo a rotina de deslocamento entre Riachão e Conceição do Coité. Embora eu não consiga mencionar todos os nomes, deixo meu agradecimento a cada um que fez parte dessa caminhada. Em especial, quero lembrar com carinho de colegas que já concluíram sua graduação: Maiana, Daiane, Gean, Adriana, Jaqueline, Indaiá Catiane, Nercles,

Carla e também a Elisângela (Jane) com quem tive a alegria de dividir tantos trajetos e conversas. Dividir essa jornada diária com vocês tornou meus dias mais leves e acolhedores.

Deixo aqui meu reconhecimento a todos os professores do campus. Cada docente teve papel importante na nossa formação. Mesmo não citando nomes para não ser injusta, guardo muitos deles com carinho e admiração.

Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Marinélia Sousa da Silva, pelo apoio, pela confiança e pela oportunidade de ter participado da Iniciação Científica, com o projeto "O Brasil Contemporâneo em não se come dinheiro", que tanto me marcou.

Agradeço também à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por todos esses anos de vínculo. Foi uma jornada longa, que, às vezes, parecia duas graduações. Mas foi também um tempo de muito aprendizado, crescimento e afeto. Sou muito grata pelas bolsas que conquistei na universidade, que foram essenciais tanto pela experiência quanto pelo suporte financeiro. Minha gratidão a Uilma, secretária do Colegiado de História, por toda atenção e disponibilidade ao longo desses anos.

Sentirei saudades da rotina em Conceição do Coité. A cidade, com sua leveza e aconchego, me marcou profundamente, principalmente seu comércio e suas confeitarias, que tornaram meus dias ainda mais agradáveis.

Neste momento, quero reconhecer com gratidão todos professores que contribuíram para minha formação. Agradeço especialmente à professora Lila, professora regente no PIBID, sempre acolhedora e gentil, o que tornou a experiência muito mais leve e especial. E ao professor Wellington, que nos recebeu de braços abertos, dando liberdade para que pudéssemos exercer nosso papel de professoras durante o estágio no Ensino Fundamental II. Também sou grata à professora Maridsa, que foi minha professora na quinta série e com quem tive a oportunidade de reencontro em dois estágios, um de observação e outro do ensino médio. Atualmente, participo do programa Partiu Estágio, com o professor André, que também foi meu professor no ensino médio, e tem sido uma experiência muito enriquecedora.

Por fim, agradeço também às minhas amigas Bruna, Juliane e Franciele, ao meu namorado Thiago, e ao psicólogo Deivyd Carneiro, que, junto com Deus, foi essencial em minha trajetória.

RESUMO

Este trabalho analisa o Brasil contemporâneo a partir do texto *Não se come dinheiro*, presente no livro *A vida não é útil*, do pensador indígena brasileiro Ailton Krenak. A pesquisa aborda o período recente, considerando especialmente os últimos anos, marcados pela pandemia da Covid-19, apoiando-se em diversas fontes, tanto escritas quanto digitais. Entre as fontes escritas, destacam-se o próprio livro *A vida não é útil* e outras obras; entre as digitais, foram usados sites oficiais, vídeos do YouTube, a plataforma Globoplay, entre outros. Para aprofundar a análise, parte das falas presentes nos vídeos foi transcrita, ampliando a compreensão das ideias do autor. Durante a pandemia, Krenak ganhou grande visibilidade, participando de muitas lives e entrevistas no formato remoto, o que contribuiu para a divulgação de suas ideias. Apesar de sua longa trajetória na militância indígena, esse período impulsionou ainda mais sua influência. A pesquisa se enquadra também no campo dos multiletramentos, pois trabalha com diferentes formatos de fontes: artigos em PDF, sites, vídeos, livros e a oralidade presente nas falas públicas de Krenak, reforçando que o conhecimento não se limita apenas ao documento escrito tradicional, mas se expande para diferentes produtos culturais e digitais. Sua reflexão sobre o Brasil contemporâneo destaca especialmente a questão ambiental, que permeia suas falas e leituras, sendo essencial para entender os principais desafios que o país enfrenta hoje.

Palavras-chave: Krenak, Brasil, história ambiental

ABSTRACT

This study analyzes contemporary Brazil based on the text *You Can't Eat Money*, found in the book *Life Is Not Useful*, by the Brazilian Indigenous thinker Ailton Krenak. The research addresses the recent period, particularly the last few years marked by the Covid-19 pandemic, relying on various sources, both written and digital. Among the written sources, the book *Life Is Not Useful* and other works stand out; among the digital ones, official websites, YouTube videos, the Globoplay platform, and others were used. To deepen the analysis, some speeches from the videos were transcribed, enhancing the understanding of the author's ideas. During the pandemic, Krenak gained significant visibility, participating in numerous live streams and remote interviews, which contributed to spreading his ideas. Despite his long trajectory in Indigenous activism, this period further boosted his influence. The research also falls within the field of multiliteracies, as it works with different types of sources: PDFs, websites, videos, books, and the orality present in Krenak's public speeches, reinforcing that knowledge is not limited to traditional written documents but expands to diverse cultural and digital products. His reflection on contemporary Brazil especially highlights environmental issues, which permeate his speeches and writings and are essential for understanding the main challenges the country currently faces.

Keywords: Krenak, Brazil, Environmental History

Sumário

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| Capítulo I- Ailton Krenak, um intelectual indígena | 12 |
| <i>1.1 A voz do Rio Doce: Ailton Krenak</i> | 12 |
| <i>1.2 A oralidade como ferramenta de produção intelectual</i> | 15 |
| <i>1.3 Krenak e Drummond: dois olhares de Minas</i> | 20 |
| <i>1.4 Voz em destaque</i> | 22 |
| Capítulo II História Ambiental no Brasil Contemporâneo: Reflexões a partir de Ailton Krenak | 25 |
| <i>2.1 História Ambiental: Surgimento, produção e abordagens</i> | 26 |
| <i>2.2 Entre o Desenvolvimento e a Destruição: Lições de “Não Se Come Dinheiro”</i> | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS | 41 |

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é analisar o cenário contemporâneo do Brasil a partir do escrito intitulado *Não se come dinheiro*, presente na obra *A Vida Não É Útil*, do intelectual e escritor indígena Ailton Krenak. O texto *Não se come dinheiro* foi elaborado a partir de três narrativas do autor, uma fala proferida em 2017, uma entrevista concedida em 2019 e uma live realizada em 2020¹. Nesta pesquisa, destacamos a relevância de Krenak como pensador indígena da contemporaneidade, bem como sua leitura crítica da história do Brasil a partir de uma perspectiva originária. Ressaltamos ainda o papel central da história ambiental, que atravessa suas reflexões e constitui um eixo fundamental para compreender as críticas de Krenak à separação entre humanidade e natureza, à lógica do progresso e à destruição dos ecossistemas.

Este trabalho foi estruturado em dois capítulos. O primeiro dedica-se à análise de Ailton Krenak como intelectual indígena e sua contribuição para o pensamento contemporâneo. O segundo aborda a história do Brasil a partir da perspectiva de um líder indígena, ressaltando a importância da discussão da história ambiental, que permite compreender aspectos estruturais do nosso passado, como a exploração contínua das riquezas naturais desde o período colonial. Como já conhecemos desde as aulas de história na escola: do pau-brasil ao açúcar e ao ouro, esses recursos foram retirados de forma intensa pelos colonizadores europeus.

A motivação para desenvolver esta pesquisa surgiu a partir da minha participação no Programa de Iniciação Científica, no qual fui contemplada em três editais com o projeto intitulado *O Brasil Contemporâneo Em Não Se Come Dinheiro de Ailton Krenak*. Conheci o pensamento de Krenak antes mesmo de iniciar minha trajetória como bolsista, por meio de sua participação no documentário *Guerras do Brasil.doc*, da Netflix.² No entanto, mesmo antes dessa experiência acadêmica, a temática indígena sempre me tocou profundamente, embora eu ainda não soubesse

¹ Não se come dinheiro-texto elaborado a partir da live de Ailton Krenak e Leandro Demori para The Intercept Brasil, 8 abr. 2020; fala de Ailton Krenak no evento Plante Rio, na Fundação Progresso, Rio de Janeiro, nov. 2017; e entrevista a Amanda Massuela e Bruno Weis, “O tradutor do pensamento mágico”, Cult, 4 nov. 2019.

² A série “Guerras do Brasil.doc” aborda diversos conflitos históricos, como:

As Guerras da Conquista, a Guerra dos Palmares, A Guerra do Paraguai e a Revolução de 30

exatamente como abordá-la. Esta pesquisa é, portanto, também uma resposta a esse chamado interior.

Este trabalho propõe-se a explorar, de maneira inédita no campus XIV, a temática indígena. Mais do que um estudo acadêmico, este TCC busca transmitir uma mensagem, um alerta e um chamado à reflexão sobre nossos saberes e nossa relação com o mundo.

Tendo em vista essa estrutura de desenvolvimento da pesquisa, destaca-se como objeto central deste trabalho o intelectual indígena Ailton Krenak. Ele é professor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília. Em março de 2023, Krenak foi empossado na Academia Mineira de Letras, na cadeira 24, sendo a primeira vez que um indígena ocupa tal posição nessa instituição. Também foi o primeiro indígena eleito para a cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras.³Nos últimos anos, sua presença tem sido amplamente requisitada no meio acadêmico e na grande mídia, sobretudo após a pandemia da Covid-19.

A trajetória de Ailton Krenak tem exercido influência significativa nas lutas dos povos indígenas e na defesa da preservação dos territórios. Em setembro de 1987, durante a Assembleia Nacional Constituinte, ele protagonizou um dos discursos mais marcantes daquele momento histórico. Ao se manifestar, enfrentou diretamente os que ameaçavam os direitos territoriais e a diversidade cultural dos povos originários. Como forma de protesto contra os retrocessos, pintou o rosto com tinta preta de jenipapo, gesto que se tornou símbolo da resistência indígena no Brasil: “O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso”.⁴Graças à mobilização de Ailton Krenak e de diversos outros ativistas indígenas, a Constituição de 1988 conta com um capítulo dedicado aos direitos indígenas. Desse modo, estudar pensadores como Krenak possibilita o contato com debates e visões de mundo que divergem das leituras de Brasil produzidas pelas elites.

³ Ailton Krenak ocupa a cadeira número 5 na Academia Brasileira de Letras (ABL), que antes foi ocupada pelo historiador José Murilo de Carvalho. E também ocupa a cadeira 24 da Academia Mineira de Letras (AML) que estava vaga desde a morte do escritor e jornalista Eduardo Almeida Reis.

⁴ Trecho do discurso de Ailton Krenak, na Assembleia Nacional Constituinte (1987)

Para compreender como essas perspectivas têm circulado no contexto contemporâneo, especialmente por meio das plataformas digitais, adotamos como metodologia a observação e análise de materiais disponíveis na internet. Com o advento da era digital, a rede passou a ser um espaço privilegiado para o compartilhamento de narrativas de grupos historicamente silenciados. A internet tem permitido a ampla circulação de ideias de sujeitos marginalizados, cujas pautas, por muito tempo, foram invisibilizadas pela grande mídia. O crescimento expressivo de usuários conectados tem feito das redes sociais uma ferramenta de denúncia e de visibilidade para realidades antes apagadas do debate público. O aumento significativo de usuários da Internet evidencia a necessidade de pesquisadores da História refletirem sobre esse fenômeno. Todavia, muitos ainda resistem em utilizar a Web como fonte primária para suas investigações. Segundo o autor Fábio Chang de Almeida:

[...] Para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores (Almeida 2011, p. 12)

Esse distanciamento é explicado por Almeida (2011), ao apontar que, por muito tempo, a historiografia reformulou suas análises e validação das fontes a partir do suporte de documentos oficiais, ou seja, os textos registrados em papel. Apesar das inseguranças, quanto a veracidade dos sites, as dificuldades no uso das tecnologias e o receio da perda de determinados dados, encontrados no meio virtual, a internet é um dos principais espaços de produção e divulgação de informações na contemporaneidade.

Essa reflexão dialoga com a perspectiva dos multiletramentos (Freitas e Rodrigues, 2022), que aponta que as formas de circulação e a produção de conhecimento na contemporaneidade ultrapassam a escrita tradicional em papel. As linguagens orais, visuais, sonoras e digitais também são formas legítimas de letrar, ou seja, também ensinam. Nesse sentido, os multiletramentos são fundamentais para compreender os materiais analisados neste estudo. Vídeos, entrevistas e falas públicas de Ailton Krenak exemplificam como ele desenvolve reflexões de temas complexos por meio de múltiplas linguagens, articulando modos de expressão que

ampliam nossa percepção do Brasil contemporâneo, especialmente no que se refere às questões indígenas e ambientais.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa, centrada na análise crítica de diferentes tipos de fontes. Para isso, foram selecionados textos acadêmicos, livros, artigos científicos, além de materiais digitais como entrevistas, vídeos disponíveis no YouTube, conteúdos de sites institucionais e falas públicas de Ailton Krenak. Os materiais selecionados foram escolhidos por ajudarem a compreender o pensamento de Ailton Krenak e suas relações com temas como história, meio ambiente e cultura. A variedade das fontes utilizadas possibilitou uma compreensão mais ampla e aprofundada do objeto de estudo, permitindo uma leitura que considera diferentes perspectivas.

Capítulo I- Ailton Krenak, um intelectual indígena

Este capítulo apresenta Ailton Krenak como um importante pensador indígena dos tempos atuais. Vamos falar sobre sua vida, com foco na sua luta em defesa dos povos indígenas serão abordadas algumas informações biográficas que ajudam a compreender sua relevância no cenário intelectual e político brasileiro. O capítulo está dividido em quatro subtópico: O primeiro traz informações biográficas e destaca sua trajetória política e intelectual. O segundo discute a oralidade como forma de produção de conhecimento dos povos indígenas. No terceiro subtópico, é feita uma aproximação entre Krenak e Carlos Drummond de Andrade, a partir do olhar que ambos lançam sobre Minas Gerais e os impactos da mineração. Por fim, o último subtópico reúne vozes que comentam a importância de Krenak, como Lilia Schwarcz, Viveiros de Castro, Pedro Bial e Antônio Bispo dos Santos.

1.1 A voz do Rio Doce: Ailton Krenak

Ailton Alves Lacerda Krenak, é um filósofo, ambientalista, jornalista, poeta e escritor indígena brasileiro da etnia Krenak, nascido em 1953 no município de Itabirinha, no estado de Minas Gerais. Área geográfica que entrou em bastante evidência na mídia por causa dos trágicos impactos ambientais causadas por atividades de empresas mineradoras ligada a Vale.

A biografia de Krenak nos apresenta que aos dezessete anos de idade o ativista indígena mudou-se com sua família para o Paraná, onde se alfabetizou e se tornou jornalista e produtor gráfico⁵. Por volta da década de 1980, o líder indígena passou a se dedicar intensamente ao ativismo e ao movimento indígena, articulando e organizando juntamente com seus “parentes”⁶ a luta em prol de direito dos povos indígenas. Krenak também contribuiu para a fundação da União das Nações Indígenas (UNI) e a Aliança dos Povos da Floresta, ambos projetos que visam a proteção de povos originários e das florestas. Falar do intelectual indígena Ailton Krenak, é percebê-lo enquanto voz potente, a voz que ecoava há mais de trinta anos, mas com o advento da pandemia de COVID-19, passou a ser ouvida demasiadamente.

Krenak possui uma extensa gama de publicações, tais como: *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019); *A vida não é útil* (2020); *Futuro Ancestral* (2022), *Kuján e os meninos sabidos* (2024) entre outras obras que fazem parte do itinerário intelectual do escritor. As reflexões de Krenak estão intimamente ligadas à sua perspectiva como membro de um povo indígena. Até mesmo por agregar o nome de seu grupo étnico em sua assinatura, verificamos que o seu pensamento é produzido a partir da experiência de ser um krenak, mas não somente a partir da convivência com os seus, a experiência de Ailton Krenak nos movimentos sociais indígenas o colocou em outros espaços de conhecimento.

Sua participação em diferentes espaços de luta e mobilização política reforça uma crítica contundente ao modo como o Estado brasileiro e os interesses econômicos tratam os povos indígenas. Um marco importante dessa atuação foi seu discurso histórico na Assembleia Constituinte de 1987. Como se pode observar em um trecho dessa fala histórica:

[...], mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena, povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da

⁵ Formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Sobre a profissão de Produtor Gráfico não conseguir encontrar a instituição onde ele se formou

⁶ A palavra *parente* é utilizada por Ailton Krenak quando se refere a outros grupos étnicos espalhados pelo Brasil e mundo afora e que contribuem com o forte ativismo indígena

sua tradição, da sua vida e da sua cultura, que não colocam em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Eu creio que nenhum dos senhores poderiam nunca apontar atos, atitudes da gente indígena do Brasil que colocou em risco, seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano nesse país. E, hoje nós somos o alvo de uma agressão, que pretende atingir na essência, a nossa fé, a nossa confiança, de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos, que sabe respeitar aqueles que não tem o dinheiro para manter uma campanha incessante de difamação, que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas, um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é o inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil, os senhores são testemunhas disso, eu agradeço a presidência dessa casa, agradeço aos senhores e eu espero não ter agredido com as minhas palavras o sentimento dos senhores que se encontram nessa casa, obrigado!

Ao pintar o rosto com tinta preta de jenipapo durante seu discurso na Constituinte de 1987, Ailton Krenak expressou o luto coletivo dos povos indígenas diante das violências do Estado e do poder econômico. Anos depois, o rompimento da barragem de Mariana, que “matou” o Rio Doce⁷, atualizou de forma trágica aquela denúncia. A destruição do rio evidencia que a não proteção aos territórios indígenas está diretamente ligada à ganância e à irresponsabilidade empresarial, como a da Vale, e à omissão do próprio Estado. Graças à luta dos povos indígenas, foi possível incluir na Constituição de 1988 o capítulo específico sobre os índios, especialmente os artigos 231 e 232⁸, que reconhecem os direitos originários sobre

⁷ O rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais, em 2015, causou a morte do Rio Doce, que é chamado pelos Krenak de Watu.

⁸ O artigo 231 reconhece aos povos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, além dos direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens. O artigo 232 estabelece que os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, com a participação do Ministério Público em todos os atos do processo.

seus territórios. Infelizmente, mesmo com essa conquista tão importante, esses direitos continuam sendo desrespeitados sistematicamente.

1.2 A oralidade como ferramenta de produção intelectual

Interessante perceber que a elaboração de livros de autoria do ativista indígena exibe particularidades, pois o autor não costuma escrever os seus livros, o que é frequente entre escritores tradicionais. É a partir da potência de sua própria voz que o intelectual indígena dispõe reflexões, de maneira falada, em entrevistas e palestras. Esse modo de fazer intervenções orais mostram forte influência da sabedoria ancestral indígena. Em diversos momentos de fala Krenak reflete que prefere o diálogo. Na entrevista concedida a Pedro Bial, o apresentador questiona Krenak se realmente ele não escreve os seus livros, pergunta se ele fala e outros transcrevem, o pensador indígena responde a Pedro Bial que tem uma dificuldade enorme⁹ em escrever, mas com o reconhecimento dos livros uma editora pediu para ele escrever o prefácio da reedição da obra de Drummond, Krenak relata rindo que pediu para não fazerem isso com ele, que ele prefere falar do Drummond e alguém escrever. É interessante perceber que Ailton Krenak não se cobra a escrever seus textos a próprio punho, porque a oralidade é uma forma de resistir aos princípios que foram impostos pelos colonizadores desde a sua chegada na América com os padres jesuítas.

Por isso, podemos compreender que um intelectual proveniente da cultura indígena possui obrigações diferentes de um intelectual da sociedade hegemônica, com isso podemos relacionar essa afirmação com o estudo de Maria Aparecida Bergamaschi que chama a atenção em seu texto, *Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação*, para a expressão Intelectuais indígenas, que começou a ganhar espaço no meio acadêmico e nos movimentos indígenas, tal termo refere-se aos estudantes indígenas que passaram a frequentar os espaços acadêmicos. A pesquisadora observa que, os conhecimentos indígenas e não indígenas são passíveis de haver uma conexão intercultural. Entende-se, também, que o movimento de intelectuais indígenas nas universidades possibilitou ao indígena a oportunidade de mostrar-se autônomos e livres em um país que condiciona aos povos originários um local de invisibilidade. Segundo Bergamaschi

⁹ Frase proferida pelo escritor indígena ao explicar a pergunta feita por Pedro Bial, se ele escreve os seus textos ou são organizados por outras pessoas.

Esses processos de troca não os tornam menos indígenas, como se chegou a acreditar por muito tempo, pois continuam afirmando identidades étnicas e conhecimentos originários. O que ocorre é uma desvantagem dos povos originários que, devido a uma relação assimétrica engendrada no processo colonizador, veem seus conhecimentos depreciados, e inúmeras aprendizagens que as sociedades não indígenas constituem nesses encontros não são reconhecidas [...] (Bergamaschi, 2015, p. 15)

O pensamento de Ailton Krenak, também contribui com essa ideia discutida por Bergamaschi. O escritor indígena considera positivo o sujeito ir além daquele espaço de convívio com os seus, mas evidenciando sobre a importância de manter um vínculo com sua cultura local e não se esquecer das suas origens.

[...] Talvez as gerações anteriores à nossa não tenham permitido que os sujeitos de dentro saíssem pelo mundo afora com medo de que eles não tivessem estrutura para circular e voltar para casa íntegros. Existia muito uma ideia de que se o índio saiu de sua terra, de sua reserva, não é mais índio, pois estava se misturando com a cultura do mundo inteiro. Essa crítica que parece simples é um preconceito ofensivo para caramba [...] ¹⁰

Sobre essa questão do intelectual indígena, faz-se necessário defender que, Ailton Krenak é um intelectual indígena, apesar de tantas nomenclaturas que lhe cabem, o escritor é um intelectual que se propõe a refletir sobre várias ideias, principalmente o Brasil Contemporâneo. A nossa história foi narrada a partir de diretrizes eurocêntricas, com isso grande parte dos estudos foram construídas por elementos colonializantes. As reflexões de Gelamo, Garcia e Rodrigues (2022), inserido no texto *Descolonizar a Filosofia Brasileira: Desafios Éticos e Políticos para as Filosofias do Sul Global*, também coopera com essa ideia. Os autores destacam que, a filosofia universitária brasileira durante muito tempo se utiliza de textos europeus e estadunidenses, considerados enquanto referências dominantes de análises da nossa história, por isso os autores enfatizam uma mudança radical do paradigma atual, fazer com que os nossos próprios eventos nacionais se constituam enquanto um espaço de debate de ideias. Ailton Krenak, é um exemplo de intelectual que desafia esse referencial teórico enraizado na filosofia brasileira durante muito tempo.

¹⁰ Trecho da entrevista realizada por Sérgio Cohn no dia 24 de junho de 2010, em São Paulo.

Em acordo com esses estudos, Danner, Dorrico e Danner (2020) chamam atenção por meio da análise de estudos produzidos por intelectuais indígenas brasileiros, acerca da importância do lugar de fala das minorias, uma vez que suas singularidades antropológicas e sua condição de marginalização e exclusão que foram submetidas desde a chegada dos brancos colonizadores, implicou no silenciamento, violência, dominação e exclusão. E por meio desse ativismo amplo possibilitará a construção de uma nova história, é preciso que as vítimas da colonização falem. As suas histórias, suas experiências, suas práticas e valores são fundamentais no processo de reconstrução e/ correção de nossa história nacional.

Entre as diversas formas de expressão desses intelectuais, a oralidade se destaca como um meio fundamental de transmitir conhecimentos, memórias e experiências. A oralidade é uma forma muito importante de produzir e transmitir conhecimento, principalmente entre os povos indígenas. Como mostram Danner e Dorrico, é preciso valorizar o lugar de fala desses intelectuais que foram, por muito tempo, silenciados. Essa análise também pode ser ampliada. Porque em diferentes partes do mundo, muitas vozes e histórias também foram silenciadas. É nesse ponto que entra a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Ao falar sobre o perigo da história única, ela mostra como é perigoso quando apenas uma versão dos fatos é contada, como se fosse a única verdade.

De acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), o perigo da história única cria estereótipos sobre determinado grupo como sendo a verdade sobre eles, com isso a autora reflete sobre a importância de reconhecer a diversidade de histórias existentes no mundo. Ao se limitar apenas a uma única narrativa, perde-se a oportunidade de compreender a complexidade de culturas, além de perpetuar preconceitos que geram exclusão. A autora enfatiza a importância de construir uma sociedade justa e plural, propondo essa ideia de diversificar as fontes de conhecimento. Adichie (2019) narra uma situação interessante no seu livro:

Certo sábado, fomos ao vilarejo de Fide fazer uma visita. Sua mãe nos mostrou um cesto de palha pintado com uns desenhos lindos que o irmão dele tinha feito. Fiquei espantada. Não havia me ocorrido que alguém naquela família pudesse fazer alguma coisa. Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer

coisa além de pobres. A pobreza era minha história única deles.
(ADICHIE,2019, p.15-16)

Durante a sua infância numa família de classe média, a escritora africana teve acesso as literaturas construídas pelos brancos, e por muito tempo foi a única história que ela conhecia. Chimamanda Adichie só enxergava os trabalhadores de sua casa como pessoas pobres, mas quando ela teve acesso aos momentos em família de seu amigo Fide, reconheceu o lado artístico do irmão dele. É promovendo essa ideia, de diversificarmos as fontes de conhecimento, que podemos reparar a dignidade de um povo que teve a sua história deturpada pelo perigo que é a história única. Assim, tanto os povos africanos quanto os indígenas tiveram suas histórias anuladas e distorcidas em prol do sucesso do empreendimento colonial europeu.

À luz dessas reflexões sobre o perigo de uma única narrativa, podemos considerar Ailton Krenak como um sujeito que desobedece ao prisma hegemônico concebido pelo ponto de vista europeu. Essa postura se aproxima do pensamento do professor argentino Walter Mignolo (2008), que, em seu texto *Desobediência epistêmica*, assim como Chimamanda Adichie, nos convida a desconfiar das certezas forjadas e naturalizadas por uma determinada linha de pensamento.

Dando continuidade a essa reflexão, Walter Mignolo salienta que a colonialidade age no sentido de criar diferenças e utilizá-las como justificativa para a inferiorização e subalternização de povos e culturas, como ocorreu no caso de indígenas, negros, judeus, entre outros. As ideias suscitadas pelo autor promovem a discussão de alternativas descoloniais, buscando construir perspectivas que rompam com a noção de uma verdade única, trazendo à luz histórias múltiplas, invisibilizadas e/ou apagadas por teorias europeias.

Prosseguindo nessa análise sobre intelectuais que rompem com a narrativa única e confrontam o pensamento colonial, destacamos a participação do pensador indígena Ailton Krenak no evento de inauguração da cátedra Darcy Ribeiro: Soberania, Educação e Política, do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG. Na ocasião, Krenak ressaltou a relação de convívio do antropólogo e político Darcy Ribeiro com os povos indígenas brasileiros. Como é conhecido, Darcy Ribeiro dedicou-se boa parte da sua trajetória intelectual aos estudos dos povos originários. O escritor indígena proferiu na participação do evento que:

“Darcy Ribeiro conviveu com uma geração que se sentia intimidada, pela arrogância do pensamento colonial, a evitar ter ideias próprias. Os pensadores da América Latina evitavam ter ideias próprias porque tê-las impedia que eles dialogassem com o que era a produção moderna ou contemporânea de um mundo [colonial] definido por publicações em inglês, francês ou alemão- bibliografias grandiosas, mas que não incluíam os latino-americanos. O Darcy, contudo, não tinha medo de pensar [...]”

Acrescenta que:

“Até o século 19, começo do século 20, a única narrativa que todo mundo podia acessar era a de que nós [os indígenas latino-americanos] éramos um povo beneficiário da presença colonial entre nós, que teria vindo nos ‘modernizar’, nos ‘civilizar’. Quando Darcy optou por uma ideia de povos testemunhos, ele estava confrontando a narrativa instituída [...]”

Com isso, percebemos diante do que foi abordado que o continente europeu tinha a prepotência de contar a história do mundo na perspectiva deles. Mas personagens plurais da nossa história intelectual, como Darcy Ribeiro, em contraponto a essa narrativa colonial nos deixou uma vasta obra no campo da antropologia, da literatura, da política. Krenak também é um intelectual que critica o excesso de referências produzidos em países desenvolvidos para validar o nosso conhecimento. Nesta mesma mesa de inauguração da cátedra da UFMG, Ailton Krenak tece críticas a ideia de “pensamento decolonial”. Krenak expressa que:

“Ora, a gente não tem de fazer uma crítica ‘decolonial’, a gente tem de fazer uma crítica contracolonial. A gente tem é de denunciar e detonar o pensamento colonial como uma coisa que se perpetua inclusive a partir da nossa própria maneira de produzir conhecimento. Muitas vezes, pensamos que estamos produzindo novas epistemologias, mas elas estão eivadas de pensamento colonial, cheias de vícios. Então a gente tem de pensar bem e avaliar se quando estamos reproduzindo Deleuze ou não sei mais quem, nós estamos mesmo sendo decoloniais ou se estamos sendo apenas ‘uns bobões’. Certo?”

Ailton Krenak desafia as instâncias consolidadas pela perspectiva etnocêntrica ao criticar a divisão imposta pela chamada “Humanidade”, que separa animais, natureza e os próprios humanos, estabelecendo hierarquias de superioridade e inferioridade entre os seres vivos. Essa visão é uma epistemologia que se contrapõe ao pensamento moderno europeu. Como afirma o pensador indígena em diversas ocasiões: “Nós achamos que somos o gerente do mundo. Estamos desprezando as

vidas nos outros corpos (como florestas, rios e montanhas) e elegendo nossos corpos como lugar privilegiado da vida.”¹¹

1.3 Krenak e Drummond: dois olhares de Minas

Neste momento, dá para aproximar as reflexões de Ailton Krenak com os poemas de Carlos Drummond de Andrade, já que os dois foram profundamente tocados pelas mudanças no ambiente de sua terra natal. Sobre essa análise, trago o texto *O Ativismo Poético De Drummond: Estudos Animais e Ecocrítica* de Ângela Guida e Gleidson André Pereira de Melo, no qual os autores destacam a importância do estudo dos animais nas universidades brasileiras, colocando esse campo de pesquisa enquanto transdisciplinar, uma vez que essa área de pesquisa contempla várias disciplinas: ecologia, biologia, antropologia, direito, literatura, entre outras. Nas páginas desse artigo, os autores também investigam como o ativismo poético de Carlos Drummond de Andrade pode se caracterizar como um modelo de resistência à postura colonial do humano frente ao não humano. Vejamos o que propõe os autores:

[...]Como sabemos hoje, os animais não são seres privados de linguagem, pois existem formas outras de linguagem que vão além do uso das palavras. E caso não existissem pesquisas para comprovar essa obviedade, poderíamos recorrer à literatura, que sempre nos convida a olhares outros, tal como podemos perceber no fragmento da crônica de Drummond – “O cão viajante” – em que o poeta conta a história de um cão que viajou dos Estados Unidos para o Brasil com seu tutor e, quando chegou ao aeroporto, causou certa surpresa aos funcionários da alfândega, que constataram que quatro malas pertenciam ao cão, onde estavam suas roupas, vitaminas, coleiras, alimentação especial, etc.: “Expus o caso a um cachorro de minhas relações, chamado Puck, e ele manteve comigo, por meio dos olhos e da cauda saltitante, este diálogo quase maiêutico” (Guida e Melo *apud* Andrade, 2012 p.21)

A citação quer dizer que os animais também possuem sua forma de linguagem e de comunicação, ainda que não utilizem a linguagem verbal. Eles têm uma forma própria de se expressar, muitas vezes ignorada pelo olhar racional da cultura ocidental. A citação se aproxima das ideias de Ailton Krenak, porque tanto o texto literário quanto o pensamento do autor indígena questionam a forma tradicional de entender o ser humano como único ou superior no uso da linguagem e da

¹¹ Ailton Krenak e Madel Luz debatem relação do homem com a natureza

racionalidade. Para Krenak, os rios, as montanhas e os animais também têm alma, linguagem e vida própria, ou seja, são sujeitos.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, que Ailton Krenak sempre cita em suas narrativas também ressalta em suas poesias ecocríticas a existência de outras vidas além da humana, a visão limitada proposta pelas narrativas ocidentais condiciona a Terra a um ritmo predatório e não vivo. O líder indígena avalia o sucateamento dos recursos naturais das Minas Gerais em suas obras ou nos momentos de fala, fazendo análises com as poesias de Drummond, a quem Krenak se refere enquanto um *paraquedas colorido*¹² em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). Drummond, poeta e mineiro, assim como Ailton Krenak, ilustrava em suas poesias muitas assertivas no modo que o homem trata a natureza e seu meio social, de sua intensa relação com a região onde nasceu e que assim como o pensador indígena compartilham do mesmo afeto pelo lugar.

A mesma atividade mineradora levou embora partes das montanhas da região onde Drummond nasceu. Podemos evidenciar a sua intensa relação com a natureza e a atualidade das denúncias presentes na obra do poeta de Itabira, que contribui com as narrativas construídas por Krenak. De acordo com o líder indígena “A poética de Drummond transcende a experiência da cultura, porque se formos olhar bem, nós dois somos de mundos diversos, mas compartilhamos o afeto dessas montanhas, dessas pedras, desses rios. Nós temos uma aproximação pela natureza.”¹³ Tal comunhão afetiva se revela também na poesia drummondiana, como no trecho em que ele escreve: “O rio é doce, a vale amarga. Antes fosse mais leve a carga. Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos?” (DRUMMOND, apud GUIDA; MELO, 2022, p. 119). Nesses versos, Drummond expõe com dor, a devastação causada pela mineração uma perda que não é apenas ambiental, mas também afetiva.

¹² O termo *paraquedas colorido* é como Ailton Krenak considera o poeta Carlos Drummond de Andrade. Ele menciona Carlos Drummond de Andrade como um exemplo dessas alternativas, sugerindo que a poesia e a arte podem funcionar como *paraquedas*, oferecendo uma perspectiva diferente e mais envolvente do mundo, em vez de apenas buscar o desenvolvimento constante.

¹³ A edição #117 da Rádio Companhia! Neste episódio, o líder indígena e escritor Ailton Krenak, e o professor José Miguel Wisnik, autor de *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*, conversam com o editor Ricardo Teperman sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade, sua intensa relação com a natureza e a atualidade das denúncias presentes na obra de Drummond.

A aproximação entre Ailton Krenak e a leitura de obras literária brasileira, como os escritos de Drummond se deu, quando Krenak tinha 20 anos¹⁴. O escritor indígena integrou na elaboração do posfácio na reedição da obra ‘Sentimento do mundo’, publicado em 1940 por Drummond. Os dois escritores expressam em suas obras o sentimento com as montanhas que foram devoradas pelo vaivém de máquinas. Eles falam desse local que durante muito tempo foi morada dos antigos botocudos, e da Itabira com o Pico do Cauê como denuncia o poeta Drummond, sofrem as ofensas de empresas mineradoras que desprezam todos os seres vivos que vivem à margem desse Vale do aço¹⁵. Os escritos do poeta mineiro inspiram as narrativas de Krenak, como afirma o escritor indígena “Invocar Drummond como escudo invisível é algo cotidiano para mim, que sinto a dor do rio e suporto, nas minhas “retinas tão fatigadas”, o incessante vaivém da pesadíssima máquina de comer mundos.”¹⁶

1.4 Voz em destaque

Parte das reflexões apresentadas neste subtópico dialogam com resultados de um artigo que desenvolvi no âmbito do primeiro edital de Bolsa de Iniciação Científica, publicada posteriormente na revista *Das Amazônias: Revista Discente de História da Universidade Federal do Acre*.

Conforme as discussões expostas aqui, é importante frisar que os indígenas são sujeitos que possuem história e que ressignificam seus valores e culturas em um mundo operado pelo capitalismo feroz, pois durante muito tempo os diversos povos indígenas foram estigmatizados como povos vencidos e dominados na narrativa histórica. Devemos destacar a importância de Ailton Krenak no momento atual, as suas produções orais transformadas em livros escritos promovem novas configurações de produtos formativos, que rompem com a cultura etnocêntrica. Contudo, devemos destacar que a relevância do líder indígena no momento do agora não corresponde a toda trajetória de engajamento político iniciada nas décadas de 70

¹⁴ Krenak fez esta afirmação durante a coletiva sobre o posfácio da reedição da obra *Sentimento do Mundo* “Só depois de chegar aos 20 anos é que fui ler a nossa literatura brasileira, e Drummond aparece nesse horizonte como ilha de reconhecimento, possibilidades de identificação com a maneira como o poeta estranha o mundo”.

¹⁵ O “Vale do Aço” é uma referência à região metropolitana de Minas Gerais conhecida pela forte presença da indústria siderúrgica.

¹⁶ A frase aparece no posfácio escrito por Ailton Krenak para a edição de *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada pela editora Record em 2022

e 80, uma voz que era emitida há muito tempo de repente foi escutada como se fosse uma novidade.

Em diversos momentos, quando Ailton Krenak é perguntado sobre a repercussão do seu pensamento possa ter se expandido tanto durante a crise da covid-19, o escritor indígena explica que ele já se pronunciava, outras pessoas que viveram antes dele já falavam. No diálogo com Pedro Bial, o escritor pontua “O tataravô falava, o bisavô falava, aí de repente aparece esse camarada falando como se fosse uma descoberta. Eu não tô descobrindo nada, os nossos antepassados sempre disseram isso: pisa suavemente na Terra.”¹⁷

As ideias de Krenak também guarda particularidades em comum com os pensamentos do líder quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido por Nego Bispo. Em um bate-papo realizado pelo canal do Youtube *Muda outras economias* há um momento da fala de Nego Bispo muito sensível, reflexiva e descontraída, quando ele diz que o que aconteceu neste território que veio a ser o Brasil, apesar de todas adversidades cometidas pela invasão e o processo de colonização, ocorreu aqui um processo de confluência e envolvimento dos povos originários desta terra e os africanos que foram desterrados da África para cá. Como bem disse Nego Bispo para Ailton Krenak:

“Então, olha só, está aqui eu e o Ailton Krenak. Ailton que muito nos anima, nos faz festejar com as narrativas da trajetória de seu povo e da sua própria trajetória. Nós nunca tínhamos nos vistos, mas ao nos encontrarmos ao invés de conflitarmos, confluímos. Nos entendemos através do vento, das árvores, das sementes, através dos cosmos. Isso fez com que até hoje o dinheiro não nos separe. Até hoje o dinheiro não consegue ser um elemento conflitante entre afro confluente e povos indígenas.”¹⁸

Assim como Nego Bispo, outros intelectuais e personalidades da mídia brasileira fomentam a importância do líder indígena para a história do Brasil, da maneira como os pensamentos do intelectual podem contribuir com as narrativas sobre o país, pois por muito tempo, os brancos acreditavam que só tinham a ensinar

¹⁷ Fala transcrita por Indirah Soares

¹⁸ Essa fala foi dita por Nego Bispo em uma live no Youtube para Ailton Krenak. Transcrição feita por Indirah Soares.

e apenas as suas leituras de mundo poderiam ser reconhecidas como a verdadeira história.

Lilia Schwarcz (2020), historiadora e antropóloga brasileira, destaca a grande potência que é Ailton Krenak. Schwarcz declarou para Krenak em seu canal do Youtube, que o escritor indígena tem sido como “um líder para todos nós”, “um grande filósofo”, “é um grande intérprete do Brasil”. Não muito diferente, o apresentador da TV Globo, Pedro Bial, descreve no bate papo com Ailton Krenak, em seu programa *Conversa com Bial* (19/04/22), que a participação do escritor indígena na Assembleia Nacional da Constituinte “entrou para a história”. Sublinhou Pedro Bial que, naquele momento, Krenak não falava somente através das palavras, mas com os gestos, com os símbolos. Em muitos momentos de fala, o escritor enfatiza que prefere o bate papo, a interação do diálogo, do que a escrita.

Atualmente na contemporaneidade, principalmente com o advento da pandemia do covid-19, Krenak passou a ser compreendido como uma voz sensata em meio as crises do planeta. Apesar desse importante líder ser bastante mencionado e se fazer presente em diversos espaços na contemporaneidade, é importante frisar que o escritor indígena não fala sozinho, ele não partiu para a ação política do nada e o seu ativismo não surgiu agora. Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, na apresentação do livro *Encontros: Ailton Krenak* (2015), o escritor indígena é “um dos maiores líderes políticos e intelectuais surgidos durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, ocorrido a partir do final dos anos de 1970.” (p.8). E acrescenta que

[...] Ailton fala principalmente do país (com eventuais incursões mais ambiciosas), a partir de sua absorção impressionantemente rápida de uma grande quantidade de informação, seja escrita, fruto de sua convivência com o meio do ativismo pró-indígena em São Paulo e outras cidades, seja a partir de sua decisão de peregrinar pelo Brasil e conhecer toda a diversidade desses que chamará seus “parentes”, bem como de seu contato formativo com alguns pensadores e ativistas nativos- como Álvaro Tukano, importante liderança nacional nos anos 1980. (COHN, 2015, p.22)

Nesse sentido, podemos estabelecer relações da afirmação citada acima por Viveiros de Castro com as narrações de Ailton Krenak em diálogo com o apresentador

Pedro Bial para exibição do *Conversa com Bial* (TV Globo, 19/04/2022). Segundo Krenak, a região do Rio Doce, durante as décadas de 70 e 80, passaram por momentos de instabilidades, os seus territórios foram disputados com muita violência, tanto o escritor indígena quanto os seus demais parentes foram obrigados a se exilarem em outro local. Esse refúgio significava para eles um momento passageiro e que logo se juntariam novamente. Essas andanças por outros lugares do país promoveram no jovem Krenak formas de interação com outras culturas, conhecimentos, contatos com outros povos indígenas e com a sociedade brasileira como um todo. E isso está relacionado com o que Viveiros de Castro citou no começo sobre a decisão de Krenak “peregrinar pelo Brasil” e “conhecer toda diversidade”. Dessa forma, nessa entrevista concedida a Pedro Bial, o escritor indígena compreende esse distanciamento das terras em volta do Rio Doce como “uma geração inteira que a gente chama de geração do exílio. É um exílio, não é uma diáspora, depois a gente volta para casa.”¹⁹

Capítulo II História Ambiental no Brasil Contemporâneo: Reflexões a partir de Ailton Krenak

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre a história recente do Brasil tomando como ponto de partida o texto *Não se Come Dinheiro*, de Ailton Krenak, serão discutidos temas como o crescimento econômico baseado na exploração da natureza, os impactos ambientais causados por esse modelo e o silenciamento de saberes tradicionais. A partir dessas questões, será apresentada a história ambiental como um campo de estudo que contribui para compreender como as relações entre os seres humanos e o meio ambiente influenciam os acontecimentos históricos. O diálogo entre Krenak e a história ambiental guardam afinidade, na medida que propõe uma análise crítica da relação entre natureza e sociedade. Ambos nos mostram que os impactos ambientais não são problemas isolados, mas consequências de decisões políticas, econômicas e culturais. O capítulo está dividido em dois tópicos. No primeiro (2.1), será apresentada uma breve introdução a história ambiental. No segundo (2.2), será analisado o texto de Krenak a luz desse campo de estudo.

¹⁹ Transcrição da fala de Ailton Krenak em entrevista concedida a Pedro Bial.

2.1 História Ambiental: Surgimento, produção e abordagens

A história ambiental é um campo interdisciplinar que vai além de simplesmente olhar como o meio natural influencia a sociedade. Ela investiga a relação entre os seres humanos e a natureza ao longo do tempo, buscando entender como as nossas ações mudaram e transformaram o ambiente onde vivemos. Essas mudanças não são só ecológicas, mas envolvem também aspectos culturais, políticos, econômicos e tecnológicos. Tudo isso mostra como estamos conectados numa grande teia, uma teia construída ao longo de séculos, marcada pela colonização e pelas dinâmicas da modernidade.

A história ambiental começou a se desenvolver como um campo de estudo nas décadas de 1960 e 1970, em um contexto marcado pelo aumento das preocupações com os problemas ambientais²⁰. Esse interesse foi impulsionado pelo crescimento dos movimentos ecológicos e pela maior percepção dos impactos negativos provocados pelas ações humanas sobre a natureza. De acordo as leituras que eu me debrucei, foi demonstrado que os Estados Unidos são amplamente reconhecidos como o berço da história ambiental enquanto disciplina formal, embora esses estudos tenham sido analisados por tradições intelectuais mais antigas.²¹

Uma das tradições que mais influenciaram a história ambiental moderna, foi a Escola dos Annales, na França, que surgiu na década de 1920 com historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre. Os Annales propuseram uma nova abordagem histórica, menos focada em eventos políticos e mais interessada na vida cotidiana das pessoas comuns, a mentalidade das pessoas, o meio ambiente etc. A Escola dos Annales já ligava meio ambiente e sociedade, mesmo não utilizando o termo história ambiental. Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, deu atenção a assuntos ligados a paisagem, agricultura, a relação entre o homem e a terra. De acordo com Marc Bloch

²⁰ De acordo com Donald Worster, a ideia de uma História Ambiental surgiu na década de 1970, com as conferências sobre a crise global e o crescimento dos movimentos ambientalistas entre cidadãos de vários países, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa.

²¹ Diversas tradições intelectuais anteriores a consolidação da história ambiental nos Estados Unidos, já refletiam sobre o meio ambiente e a relação entre o homem e natureza. Algumas dessas tradições não se encaixam exatamente na disciplina autônoma da história ambiental, mas contribuíram com ideias, como por exemplo: Historiografia clássica e medieval, autores como os cronistas cristãos falavam sobre desastres naturais como sinais divinos.

O homem das duas idades feudais, mais do que nós, estava próximo de uma natureza que, por sua vez, era muito menos ordenada e suave. A paisagem rural, onde os matos ocupavam espaços tão importantes, apresentava de um modo menos sensível a marca humana. Os animais ferozes, que apenas povoam os nossos contos para crianças, os ursos, os lobos, especialmente, vagueavam por todos os lugares desertos e por vezes até nos próprios campos cultivados. Além de ser um desporto, a caça era um meio de defesa indispensável e fornecia à alimentação um contributo quase igualmente necessário. A apanha dos frutos selvagens e a recolha do mel continuavam a praticar-se como nos primeiros tempos da humanidade. No que respeita aos utensílios, a madeira tinha um lugar preponderante. (BLOCH, 2016, p. 93)

Segundo Marc Bloch, é possível perceber que, na época da Idade Média, havia entre as pessoas uma intensa ligação com o ambiente natural, nas fases seguinte observa-se que esse vínculo foi transformado pelas mudanças trazidas pelo desenvolvimento científico e tecnológico.

Enquanto o ser humano atual vive cercado por tecnologias que o afastam das forças naturais, o homem da Idade Média estava profundamente ligado ao ambiente em que vivia. Marc Bloch explica que a sociedade feudal não era apenas um sistema político ou econômico, mas entendida como um modo de vida influenciado por fatores naturais. O frio intenso, as matas fechadas, os animais selvagens e a escuridão eram desafios constantes e faziam parte do cotidiano das pessoas naquele período.

No campo da História Ambiental no Brasil, José Augusto Pádua se destaca como uma das principais referências. Em suas análises, ele demonstra que a relação entre sociedade e natureza não se limita à degradação dos recursos naturais. Para compreender a história do país, é preciso reconhecer como diferentes grupos sociais, em distintos momentos, atuaram com o meio ambiente. Conforme afirma Pádua,

O que surpreende o analista, no entanto, é constatar a convivência no Brasil desse duplo movimento, uma rica tradição de simpatia e elogio laudatório da natureza, de um lado, e, de outro, uma história de contínua agressão contra as suas principais manifestações. (PÁDUA, 2004, p. 84)

De um lado, naturalistas, viajantes e intelectuais demonstravam grande fascínio pela riqueza do território brasileiro, destacando a beleza de suas paisagens, matas e

rios. De outro lado, o país seguia agindo com a degradação desses mesmos elementos, por meio de queimadas e derrubadas de florestas. Ou seja, mesmo havendo certo reconhecimento da importância do ambiente, persistiam ações que contribuíam para sua destruição. Assim, percebemos que as primeiras iniciativas de preservação ambiental no Brasil nasceram de forma contraditória.

Autores como Lopes (2010) mostram que a História Ambiental surgiu da necessidade de repensar como a sociedade se relaciona com a natureza, principalmente diante dos problemas ambientais atuais. Um exemplo dessa preocupação é a Revolução Verde, que foi divulgada como uma forma de acabar com a fome, mas acabou trazendo consequências negativas, como o desgaste do meio ambiente, a concentração de terras e a exclusão dos pequenos produtores rurais. Segundo o autor:

A conjuntura agrícola também era inovadora. A Revolução Verde promovia novas técnicas agrícolas e implantação de novas sementes produzidas por corporações multinacionais. As sementes eram direcionadas para países menos desenvolvidos a fim de auxiliar, de acordo com o discurso vigente, a produção de alimentos e, conseqüentemente, diminuição da fome no mundo. O padrão de trabalho era a utilização de sementes híbridas, fertilizantes, agrotóxicos e mecanização para diminuição do custo do manejo. A adoção destes pacotes pelos agricultores colaborou para a degradação ambiental e transformou a vida dos agricultores tradicionais. O fim da fome, que era o ponto chave do discurso dos países desenvolvidos, não ocorreu. Além de não solucionar o problema, aumentou a concentração fundiária e, sucessivamente, o êxodo rural. A crescente preocupação com a melhoria da natureza esteve presente no período. Na maioria das vezes, dialogando com assuntos de âmbito econômico, no caso da Revolução Verde, não foi diferente. (LOPES, 2010, p.488)

A Revolução Verde trouxe mudanças na forma de plantar e produzir alimentos. Empresas de outros países criaram sementes e técnicas novas, dizendo que isso ajudaria a acabar com a fome nos países mais pobres. Mas, para usar essas sementes, os agricultores passaram a depender de venenos, adubos químicos e máquinas. Isso acabou prejudicando a natureza e mudou a vida no campo. A fome não foi resolvida, e muitas terras ficaram concentradas nas mãos de poucos. Com

isso, muita gente teve que sair do campo e ir morar nas cidades. Mesmo com falas sobre cuidar do meio ambiente, o que mais importava era o lucro.

No texto *Rios e Governos no Estado do Paraná*, Gilmar Arruda destaca que, embora os rios fossem vias naturais de circulação, eles também representavam barreiras ao processo de urbanização e expansão territorial. A partir das mensagens enviadas pelos presidentes da província, observa-se que o poder público passou a investir na construção de pontes e na abertura de estradas como forma de superar essas dificuldades geográficas. Essas iniciativas não apenas melhoraram a mobilidade local, mas também impulsionaram o crescimento econômico e promoveram a ocupação de áreas antes isoladas. Assim, o desenvolvimento do estado e a ligação entre as regiões aconteceram graças às soluções que o governo criou para superar os obstáculos naturais, como os rios.

O nosso objetivo é de analisar as relações do "governo" do Estado do Paraná com os rios do território paranaense. A leitura das *Mensagens* dos presidentes da Província e dos presidentes do Estado no período de 1854-1947 permitem indicar algumas das principais características dessa relação. É possível, então, estabelecer uma periodização do objeto em análise a partir do significado ou importância que uma forma específica de apropriação assumiu em determinado período: do surgimento da província em 1853 até a década de 1870, os rios foram imaginados e tratados principalmente como possíveis estradas: desse período até os anos 1920, eram referências espaciais e lugares que interrompiam o trajeto das estradas, nos quais deveriam ser construídas pontes. A partir desse momento, mas mais explicitamente na década de 1940 e início da de 1950, os rios começaram a aparecer com a sua função mais recente, o de fornecedor potencial de energia elétrica. (ARRUDA, 2008, p. 156)

O trecho mostra que, com o passar do tempo, os rios no Paraná foram ganhando novos significados. No começo, eles eram vistos como caminhos para transporte de mercadorias e pessoas. Depois, com a expansão das cidades passaram a ser obstáculos, exigindo a construção de pontes. Mais tarde, especialmente a partir da década de 1940, os rios começaram a ser valorizados como fontes de energia. Essa mudança reflete como o governo adaptava o uso dos rios conforme as necessidades do momento. O jeito como o governo enxergava os rios foi mudando; primeiro como estrada, depois como barreira, e por fim como fonte de energia. Essa

mudança mostra como a relação entre natureza e desenvolvimento se transforma ao longo do tempo.

A História Ambiental ajuda a entender como as pessoas e a natureza se influenciam ao longo do tempo. Ela mostra que o meio ambiente não é só o cenário onde as coisas acontecem, mas também faz parte da própria história.

O historiador Marc Bloch, por exemplo, ao estudar a sociedade feudal, mostrou como o ambiente influenciava o jeito de viver das pessoas naquela época. Já o brasileiro José Augusto Pádua, no livro *Um Sopro de Destruição*, fala sobre como o meio ambiente foi explorado desde o tempo da colonização. Alfredo Lopes também destaca que repensar a relação entre sociedade e natureza é algo urgente nos dias de hoje.

É importante perceber que para além dos enfoques interdisciplinares, a história ambiental pode se ampliar ao dialogar com outras memórias, pois grande parte da história ambiental moderna foi construída a partir do pensamento ocidental. Nesse sentido, intelectuais como Ailton Krenak oferece contribuições fundamentais e necessárias, ao propor uma outra forma de compreender a relação entre humanos e natureza. Com a escuta dessas vozes, a história ambiental torna-se um campo mais crítico e plural.

2.2 Entre o Desenvolvimento e a Destruição: Lições de “Não Se Come Dinheiro”

“Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer o seu dinheiro”. (Proverbio indígena)²²

A crise ambiental que enfrentamos hoje mostra que há uma grande separação entre os seres humanos e a natureza. O modo como vivemos, baseado no consumo exagerado e na exploração dos recursos naturais, não leva em conta que a nossa vida depende diretamente do equilíbrio do planeta. Essa é a crítica presente na frase atribuída aos povos indígenas norte-americanos resume muito bem esse problema. Ela mostra que estamos seguindo um caminho que não tem futuro, porque estamos destruindo o que nos mantém vivos.

²² Essa frase é um provérbio atribuído a povos indígenas norte-americanos, especialmente aos Cree, e carrega uma poderosa mensagem sobre a importância da natureza

O provérbio citado explica as consequências de um pensamento destrutivo implantado com a colonização, quando a introdução do dinheiro substituiu outras formas de relação com a terra, com a vida e com o coletivo. A fala de Ailton Krenak, durante sua participação na live com Nego Bispo no canal *Muda – Outras Economias*, evidencia como a mentalidade do dinheiro foi imposta aos povos originários como uma ruptura profunda em suas formas tradicionais de se relacionar. Antes da colonização, os indígenas não organizavam suas vidas a partir de uma lógica de acúmulo ou problemas com dinheiro. A ideia de “rico” ou “pobre” simplesmente não existia, pois, as relações entre os parentes se baseavam em trocas simbólicas, afetivas e de cuidado mútuo, não em transações monetárias.

Krenak ressalta que o dinheiro foi introduzido por uma “mão estranha”, como um elemento externo que substituiu os laços de solidariedade por uma lógica de disputa e interesse. A monetização das relações, imposta com a colonização, afetou até mesmo as famílias indígenas, gerando conflitos onde antes havia comunhão. Esse relato dialoga diretamente com a crítica expressa no título deste trabalho “Não se come dinheiro”, pois denuncia a inversão de valores promovida pelo capital: ao priorizar o dinheiro em detrimento da vida, perdemos aquilo que realmente sustenta a existência.

O pensador indígena brasileiro Ailton Krenak fala sobre isso em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). Ele explica que a humanidade passou a se ver como superior à natureza, tratando rios, florestas e animais como se fossem apenas objetos. Segundo ele, essa forma de pensar é uma das causas da destruição ambiental. Krenak defende que precisamos enxergar a Terra como um ser vivo, do qual também fazemos parte, e não como algo separado de nós.

O livro *A Vida Não É Útil*, publicado em 2020, é estruturado em cinco capítulos: *Não Se Come Dinheiro*, *Sonhos Para Adiar o Fim do Mundo*, *A Máquina de Fazer Coisas*, *O Amanhã Não Está à Venda* e *A Vida Não É Útil*. Todos os textos foram adaptados de palestras, entrevistas e transmissões ao vivo realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020. A organização e seleção dos textos ficaram sob responsabilidade de Rita Carelli, atriz, diretora e escritora brasileira. O capítulo *Não Se Come Dinheiro*, que dá nome a este trabalho, foi escolhido por conter uma expressão marcante, capaz de despertar o interesse do público, além de apresentar uma análise profunda e detalhada de aspectos relevantes da história contemporânea.

Nele, Ailton Krenak discute diversos eventos da atualidade, destacando como o capitalismo predatório influencia a realidade sociopolítica e ambiental, tanto no Brasil quanto em outros países.²³

Em linguagem clara e direta, Ailton Krenak, no capítulo Não Se Come Dinheiro, apresenta reflexões contundentes sobre a pandemia de Covid-19, evento que paralisou o mundo e evidenciou fragilidades do modelo de sociedade atual. O pensador indígena critica duramente as ideias destrutivas e predatórias propagadas em nome de uma suposta civilização, como o consumismo exacerbado, a degradação ambiental e uma visão limitada e excludente do que se entende por humanidade. As reflexões propostas pelo autor são especialmente relevantes, pois têm como objetivo alertar sobre os impactos de um modelo de desenvolvimento que desconsidera a preservação da biodiversidade e a pluralidade de formas de vida.

Para aprofundar sua crítica ao modelo de desenvolvimento vigente e aos impactos causados pela lógica produtiva atual, Ailton Krenak estabelece diálogos com outros pensadores que compartilham de uma perspectiva crítica sobre o Antropoceno²⁴.

Para melhor exemplificar essa questão, Krenak argumenta com José Aravena-Reyes no texto *“O cuidado como base epistemológica da produção técnica do antropoceno”*, em que abordam como a produção técnica na era do Antropoceno²⁵ tem afetado o atual contexto global, argumentando, a partir disso, sobre a necessidade de existir uma mudança de pensamento, de reflexão sobre os fundamentos da tecnologia que foram empossadas pelo modelo econômico vigente, conforme os autores

Assim, o Antropoceno se apresenta como um desafio filosófico para a comunidade tecnológica; se algo não for feito, a produção técnica inevitavelmente continuará a degradar o planeta ao ponto de consolidar

²³ Krenak cita neste capítulo episódios de destruição ambiental que ocorreu no estado de Minas Gerais, como a tragédia em Mariana e Brumadinho, ambas ocorreram aqui no Brasil. E de fatos internacionais, ele cita a ideia de bilionários que estão construindo uma plataforma fora da Terra para irem viver em Marte.

²⁴ O Antropoceno é uma teoria que propõe que a atividade humana se tornou a principal força motriz das mudanças geológicas no planeta, marcando uma nova época na história da Terra. É uma época definida pelo impacto significativo dos seres humanos na geologia, na biodiversidade, nos oceanos, no clima e nos ecossistemas

mudanças geológicas tão severas que podem vir acabar com a vida humana no planeta (ou pior, com o próprio planeta e todas suas vidas). (ARAVENA-REYES; KRENAK, 2018, p. 131)

No ensaio, Ailton Krenak e José Aravena Reyes propõem uma reflexão crítica sobre a forma como a técnica e a tecnologia têm sido conduzidas na sociedade contemporânea. De acordo com os autores, esse modelo técnico vigente está diretamente associado a interesses econômicos, valorizando ganhos financeiros e estratégias de dominação, ainda que isso comprometa a nossa própria existência na terra.

Ao longo do desenvolvimento deste texto, a partir das análises das fontes e no capítulo “Não se come dinheiro”, podemos destacar que Krenak traz para suas reflexões o aspecto ambiental, ressaltando a região de Minas Gerais, sua localidade de origem, na qual vivenciou catástrofes que devastou comunidades inteiras.

Assim como em Minas Gerais e tantos outros locais, dentro e fora do país, que sofreram as consequências do desenvolvimento, é possível evidenciar as observações do antropólogo francês Bruce Albert. Residente no Brasil e pesquisador que tem colaborado em produções sobre os povos Yanomami, mantém uma relação com o xamã Yanomami Davi Kopenawa. Suas reflexões foram compartilhadas em uma entrevista ao *Instituto Humanitas Unisinos- IHU*, no qual evidencia a sua convivência e relação construída a bastante tempo com os povos Yanomami, o intelectual destaca que os conheceram vivendo de modo isolado, viviam cercado de fartura de frutas, caças, muitas festas etc. Agora, eles se encontram em situação de desnutrição, sobrevivendo por meio de cestas básicas enviadas pelo governo porque os garimpeiros adentraram no espaço que viviam esses povos e destruíram a floresta. Provocando assim uma desordem total no modo de subsistência tradicional organizada por eles.

Os povos Yanomami, um dos maiores grupos indígenas que vivem relativamente isolados, da região da Floresta Amazônica, no norte do Brasil, sofreram as consequências do desastroso governo Bolsonaro que não empreendeu políticas de impedimento de atividades garimpeiras durante seu mandato, que na verdade acabou incentivando.

Em janeiro de 2023, explodiu nas mídias os noticiários sobre o cenário estarrecedor que se encontravam aqueles povos. Não foi um crime que aconteceu em 2023, essa situação já vinha se desenhando há longos anos e muitas denúncias daquela situação caótica já eram alertadas e divulgadas. Nesse mesmo ano inicia o terceiro governo Lula, o antropólogo Bruce Albert em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos- IHU pela plataforma Teams, tece críticas contundentes ao novo governo Lula. Para ele, o governo, que iniciou determinado em defender a pauta ambiental, medidas para proteger os povos indígenas, ainda não foram cumpridas e boa parte de seus aliados não consideram relevante permitindo que seja algo dispensável. Bruce Albert deixa claro na entrevista que essa desconfiança vem de muito tempo, desde o primeiro mandato, pois essa política de alianças com o Centrão, com a justificativa de que fazendo essas articulações conseguirá governar, sempre teve como prioridade passar a pauta desenvolvimentista e deixando de lado a agenda socioambiental. Em conformidade para com a discussão, trago um fragmento da fala do antropólogo nesta entrevista

Sei que Lula, pessoalmente, provavelmente tem vontade de empurrar essa agenda, mas ele tem um lado de artista negociador que, algumas vezes, o leva um pouco longe demais, com um preço muito alto. Vimos que não houve muito empenho da bancada [em relação à pauta do marco temporal]. Ela foi liberada para votar e o desmembramento dos ministérios foi negociado por [Alexandre] Padilha e companhia, achando que fizeram um acordo excelente. Então há uma convivência de uma parte do PT, pelo menos, que não tem muito interesse nessa coisa de índio e meio ambiente. Eles estão lá para aplicar o velho modelo de Lula I e II, de crescimento, desenvolvimento e redistribuição e o resto vai para o ralo. Lula chegou no terceiro mandato sem ter revisado esse modelo. Não tem nada muito novo no governo. Estão tentando aplicar as velhas receitas, mas o mundo mudou consideravelmente e já se vê a discrepância em relação a essa questão do carro popular [medidas anunciadas pelo governo para estimular as vendas], que recebeu críticas de todos os lados porque é um modelo defasado. A minha dureza vem dessa experiência.²⁶

²⁶ Essa fala de Bruce Albert eu retirei da própria entrevista que ele concedeu ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU), revista eletrônica vinculada a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul

A fala de Albert sugere que, mesmo em um governo que se considera aliado à causa indígena, interesses políticos como o avanço de projetos econômicos podem sobrepor a defesa dos direitos originários, comprometendo a implementação de medidas como o Marco Temporal.

Durante o processo das pesquisas, é importante localizar alguns aspectos evidenciados nas fontes, em muitas falas e produções do escritor indígena, ele busca narrar uma História do Brasil construída a partir do ponto de vista do povo indígena. Antes da chegada dos portugueses no Brasil, os povos originários conviviam em comunhão com a natureza, pode-se dizer que mantinham uma relação umbilical com a terra²⁷. Mas foi a partir dos empreendimentos “civilizatórios” dos europeus, que a Terra passou a ser devorada constantemente e também se produziu um discurso de separação entre a natureza e o humano, contribuindo com a péssima relação com o meio ambiente existente até os dias de hoje, para isso é só observarmos nossas atitudes cotidianas, por exemplo, quando atiramos garrafas de água mineral vazias, porta à fora de casa, de veículos em trânsito a atitudes mais drásticas, como os acontecimentos trágicos que ocorreram na região que Krenak vive. Conforme o autor “[...] Duas barragens, uma em Mariana e outra em Brumadinho, derramaram ferro em cima da gente. O longo processo de desenvolvimento dessas tecnologias que nos enchem de orgulho também encheu os rios de veneno.” (KRENAK, 2020, p.27).

Desta forma, compreende-se que os desígnios do sistema capitalista transformam tragédias em oportunidades de lucro, preferem vender os bens produzidos do que reduzir os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente. Ademais, podemos exemplificar essa ganancia humana, em prol do desenvolvimento exploratório dos recursos da natureza, a partir das observações realizadas por Ailton Krenak (2020) no texto “Não se come dinheiro”

“Aqui na minha região, a Vale está parecendo a bolsa de valores: nervosa. Desde que o mundo parou, ela acelerou. Os trens dela passam a trezentos, quinhentos metros da minha casa. Apenas um rio em coma nos separa da estrada de ferro. E a composição dos trens é gigante: a terra treme quando eles passam. O vaivém não para a noite inteira, o dia inteiro, eu até fiquei

²⁷ Eu quis colocar o termo umbilical porque a Terra é como se fosse uma “mãe” na visão de diversos grupos indígenas

pensando: será que estão fazendo o último assalto? Estão piores que antes, a febre deles subiu. [...]” (KRENAK, 2020, p.23)

A lógica de exploração não se mostra apenas nas grandes tragédias. Às vezes, ela vem de forma mais suave, como no turismo, que disfarça de lazer o uso comercial de territórios e culturas indígenas. De encontro a essa abordagem, disponho a análise que Ailton Krenak apresentou em sua participação na Bienal do Livro em 2022, no Centro de Convenções de Salvador, no palco do Café Literário, onde participou da mesa “Escutar a Terra”. O escritor foi perguntado por um ouvinte sobre o que ele achava do turismo predatório, se é possível reverter e manter esses espaços ainda preservados, no qual foram citadas as Ilhas de Boipeba e Morro de São Paulo, ambas localizadas na Bahia.

Krenak responde que as pessoas estão sentindo necessidade de sair do aglomerado urbano, vendendo o que tem na cidade e comprando um paraíso em algum lugar (uma praia, uma ilha, uma floresta). Com o seu modo satírico, Ailton Krenak tira boas risadas do público quando ele descreve que:

“[...]somos 8,5 bilhões de pessoas no mundo, e se todo mundo resolver ir para a praia no mesmo dia? Não dá! E se todo mundo inventar de ir para Boipeba? Não dá! Então nós temos que parar de pensar em um lugar, um país, uma região do mundo e começar a pensar no humano.” Em seguida ele diz: “Eu não sei onde Deus estava com a cabeça, devia ter pensado bem. A gente vai comer a terra, depois de comer a terra eu não sei o que a gente vai fazer.”²⁸

Para ele, esse turismo ambiental entra na mesma lista do tal desenvolvimento sustentável, que para ele é um mito, não existe esse papo de turismo sustentável, o turismo em si já é uma prática de deslocamento. Nesse momento, o escritor indígena salienta que a promoção do turismo ecológico em alguns lugares relativamente desconhecido, as pessoas passando a frequentar esses locais, irão levar junto o seu lixo (garrafas pet, latinha de cerveja, plástico etc), pois eles não irão trazer o lixo de volta consigo.

²⁸ Esse trecho foi da fala de Krenak na Bienal do livro em Salvador, a transcrição do que foi dito por ele foi feita por mim.

Diferente da ideia que transforma paisagens em produtos e cria caminhos onde antes havia equilíbrio, Krenak nos convida a prestar atenção nos rios, a reconhecer que eles também têm vida e fazem parte do mundo tanto quanto nós. Essa é a visão que ele compartilha no capítulo “Saudações aos Rios”, do livro *Futuro Ancestral*, o escritor indígena dá protagonismo ao rio. Nos trechos do capítulo, Krenak narra que por onde ele andou, no Brasil ou fora do país, ele prestou mais atenção nas águas do que nas construções urbanas. Ele lembra ainda que os antigos do povo Krenak colocavam os bebês de trinta, quarenta dias de vida dentro do Watu (o rio doce), para eles as crianças estavam protegidas contra as doenças. Em outros trechos deste texto, Ailton Krenak vai saudando os diversos rios existentes no Brasil, e nos pedindo para escutar a voz dos rios, pois eles comunicam conosco, salienta também os modos operandi de práticas desrespeitosas contra os rios brasileiros. Sobre isso declara:

[...] Aí as pessoas vêm reclamar que estão ficando sem água, que não podem mais promover o desenvolvimento e o progresso, pois os humanos, com suas economias estupidadas, precisam de muita água para hidrelétricas, usinas, indústrias, agropecuária e agronegócio – e estão sempre fazendo alguma reclamação. (KRENAK, 2022, p.24-25)

Quando Krenak dá protagonismo às águas, rompe com a visão utilitarista que a sociedade moderna costuma ter sobre a natureza. Para ele, tratar a água como um “recurso natural” é um erro grave, pois reduz algo vivo e essencial a um simples objeto de uso. Em entrevista ao programa *Conversa com Bial*, exibida em 19 de abril, Dia dos Povos Indígenas, Krenak critica esse pensamento, dizendo que, ao ouvir que a água é apenas um recurso, pensa: “ainda não entenderam nada”. Para ele, a água cumpre uma função maravilhosa que vai muito além da utilidade humana. Mesmo sem ser tocada ou usada, ela continua agindo no planeta, mantendo ciclos de vida e beneficiando seres que nem somos capazes de perceber. Essa visão revela que, para Krenak e para muitos povos indígenas, a água é uma entidade viva, com existência própria, e não algo que está à disposição do ser humano. Esse modo de pensar confronta diretamente a lógica moderna de exploração e reforça a importância de respeitar e escutar outros modos de existência e relação com o mundo.

Essa maneira de compreender a água como um ser vivo evidencia um contraste profundo com a visão ocidental, que historicamente separou os seres

humanos da natureza, tratando-a como algo externo, distante e disponível apenas para uso e exploração.

A ideia de que a natureza e os seres humanos são coisas separadas não é algo da sabedoria ancestral dos povos indígenas, mas sim imposta pelo pensamento ocidental que passou a colocar barreiras entre o meio natural e o ser humano. Essa visão faz parecer que a natureza está fora de nós, como se fosse apenas um recurso pronto para ser usado. No Brasil, esse jeito de pensar começou ainda na época da colonização, quando as terras passaram a ser vistas como lugar de produção e lucro. Com o tempo, essa ideia foi usada para justificar a invasão de terras indígenas, o avanço da mineração, o desmatamento e várias outras ações que causam destruição. Mesmo hoje, essa separação entre natureza e humanidade continua influenciando decisões e políticas que provocam grandes danos à vida.

No livro *A vida não é útil*, Ailton Krenak fala sobre esse tema com muita sensibilidade e crítica. Para ele, a forma como a humanidade foi construída no modelo moderno é limitada, porque exclui quem não segue os valores da produção e do consumo. Ele mostra que povos como os indígenas, os quilombolas, os ribeirinhos e outros grupos tradicionais foram e ainda são tratados como “sub-humanidade”, por não se encaixarem nas ideias dominantes de progresso. Quando Krenak fala do rio Doce, destruído pelo rompimento de uma barragem, ele não fala só de um desastre ambiental, mas da perda de um parente. Isso porque, para o povo dele, o rio é um ser vivo. Essa forma de ver o mundo é muito diferente da visão moderna, e mostra que, para muitos povos, a natureza sempre esteve conectada à humanidade nunca foi algo separado.

O Brasil carrega uma dívida histórica com os povos indígenas. Essa dívida não se limita ao passado, mas continua viva nas marcas deixadas pela violência, pelo apagamento e pelo deslocamento forçado de tantas comunidades. Pensar a história do Brasil é também reconhecer que ela foi construída sobre o sofrimento de muitos, mas que pode e deve ser reconstruída a partir da escuta e da valorização das vozes indígenas. Hoje, esses povos têm o direito e a força de contar sua própria versão da história, trazendo à tona memórias que foram silenciadas.

Quando Ailton Krenak fala sobre o despejo de sua comunidade das terras originárias em Minas Gerais, ele denuncia um processo que separou famílias. Muitos

indígenas krenak passaram a vagar por regiões diferentes do país, sem poder permanecer no território de origem. Esse fato ocorreu no período da ditadura militar, era a política imposta naquela época, através do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), como parte da política indigenista de controle, sob a justificativa de “integração” desses povos ao modelo nacional de desenvolvimento²⁹. Esse rompimento afetou não apenas o vínculo com o espaço físico, mas também os laços espirituais e familiares, que são profundamente importantes para os povos indígenas. Um exemplo marcante dessa história é a criação do Reformatório Krenak. Nas palavras do próprio autor:

A barganha da terra indígena Krenak, na margem esquerda do rio Doce, foi demarcada em 1920 por uma propriedade de corregedoria da Polícia Militar de Minas Gerais, foi pretexto para a extinção da aldeia Krenak na barra do córrego do EME³⁰, e para a condução das famílias que estavam dispersas por muitas regiões de Minas e de outros estados, como Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo ou São Paulo, para a fazenda Guarani, onde foi implantado o Reformatório Krenak. Somente na última década, esta triste página da história de abusos e violência institucional do Estado brasileiro contra os índios Krenak foi trazida à público pela Comissão da Verdade. (KRENAK, 2019, p. 23)

Esse trecho nos convida a refletir não apenas sobre os erros do passado, mas sobre a importância de reconhecer essas feridas como parte da nossa história. A retirada forçada das famílias, sua dispersão por diferentes regiões e o confinamento em um “reformatório” sob administração policial evidenciam como, no século XX, o Estado brasileiro institucionalizou práticas de violência contra povos indígenas. Encerrar este capítulo é afirmar que a reconstrução da História do Brasil precisa incluir os povos indígenas não à margem dos acontecimentos, mas como sujeitos ativos da nossa história. Ouvir vozes como a de Ailton Krenak é essencial para romper com as narrativas coloniais e avançar na construção de um país que reconheça sua pluralidade e repare essas feridas históricas.

²⁹ Esse fato ocorreu durante o regime da ditadura militar no Brasil. Em 1972, os indígenas foram retirados a força de suas terras em Resplendor (MG)

³⁰ EME – Estado-Maior do Exército, órgão responsável pelo planejamento estratégico e pela coordenação das ações do Exército Brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi discutido ao longo deste trabalho, torna-se evidente a importância de repensarmos não só o modo como fazemos História, mas também o modo como nos relacionamos com o mundo. Ao tomar como objeto de estudo o pensador indígena Ailton Krenak, compreende-se que os saberes dos povos originários não pertencem ao passado, como muitas vezes acreditamos. Os saberes ancestrais são presentes, vivos, atuantes e, mais do que isso, oferecem caminhos urgentes para enfrentar os dilemas do nosso tempo. Em um mundo marcado pela rapidez, pela aceleração da informação, é necessário que nós, historiadores, ampliemos nosso olhar para além das fontes tradicionais. Entrevistas, vídeos, falas em lives, mídias sociais tudo isso também é memória.

A crítica da separação entre humanidade e natureza, tão discutida por Krenak, constitui o fundamento principal dos estudos da História Ambiental. Essa separação ganhou força no pensamento moderno, quando a natureza passou a ser vista como recurso a ser explorado. Desde então, fomos sendo condicionados a enxergar o mundo a partir do acúmulo, da propriedade e da ideia de progresso, em contraste com o jeito de viver dos povos indígenas, que compreendem a natureza como parte inseparável do ser humano. Retomar aos saberes ancestrais, ao cuidado com a terra e ouvir as vozes dos povos originários são como forma de resistir ao modelo de mundo que vivemos.

Essas reflexões atravessam a minha trajetória de vida. Desde muito jovem, sempre me tocaram profundamente as questões ambientais. Não por me considerar uma especialista ou alguém que faz tudo certo em relação ao cuidado com a Terra, mas por carregar desde a infância uma sensibilidade com o meio ambiente. Desde criança, lembro de uma propaganda que passava aos domingos na televisão, talvez na TVE, TV Futura ou TV Cultura, não me recordo exatamente, com cenas de queimadas, geleiras derretendo, animais sofrendo. Aquilo me emocionava profundamente.

Conhecer o pensamento de Ailton Krenak, inicialmente por um documentário na Netflix, e depois mergulhar em seus escritos na Iniciação Científica, foi como encontrar palavras para algo que eu já sentia. Ainda assim, reconheço que minha vivência enquanto ser humano é atravessada por contradições. Ao mesmo tempo em que discordo das práticas destrutivas da humanidade e tenho consciência da

gravidade de nossas ações, também lido com minhas próprias tendências ao consumo, ao apego ao material. Tento me equilibrar entre esse sentimento de cuidado e a realidade de um mundo que empurra para o consumo constante. Mas sigo tentando, aprendendo, buscando existir de forma mais coerente com aquilo em que acredito. Como futura professora, mãe, cidadã e habitante da Terra, desejo continuar esse processo de aprendizado, com mais responsabilidade e mais cuidado. Porque, no fim das contas, como já foi dito: não se come dinheiro.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ALBERT, Bruce. Povo Yanomami: “A floresta não é uma coleção de árvores, mas um universo de povos vivos”. Entrevista concedida a Patrícia Fachin. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/629287-povo-yanomami-eles-mederam-uma-formacao-humana-e-intelectual-entrevista-especial-com-bruce-albert>. Acesso em: 7 mai. 2024.

ALMEIDA, F. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. AEDOS. n .8, vol. 3, janeiro-junho 2011.

ARAVENA-REYES, José; KRENAK, Ailton. O cuidado como base epistemológica da produção técnica do Antropoceno. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 2, p. 129–163, 2018.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação. Tellus, ano 14, n. 26, p. 11-29, jan./jul. 2014.

BOLOGNESI, L. As Guerras da Conquista. In: Guerras do Brasil. Doc. Netflix, 26 min. São Paulo, 2018.

BLOCH, Marc. A sociedade feudal. Tradução e prefácio de Laurent de Saes. 1. ed. São Paulo: Edipro, fev. 2016. 464 p. ISBN 978-8572839570.

Ciclo Outras Economias – Cosmologias do dinheiro | Nego Bispo e Ailton Krenak. YouTube, 18 maio 2021. Duração: 1 h 31 min 57 s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY. Acesso em: 20 set de 2024

COHN, Sérgio (org.). Encontro Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

CONVERSA COM BIAL. Entrevista com Ailton Krenak. Apresentação de Pedro Bial. Rio de Janeiro: TV Globo, 19 abr. 2022. Programa de entrevista. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10499954/>. Acesso: 19 abr. 2022

DANNER et al. | Decolonialidade, lugar de fala e voz- práxis estético-literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. ALEA | Rio de Janeiro | vol. 22/1 | p.59-74 | jan-abr. 2020

ESTADO DE MINAS. Leia posfácios de Ailton Krenak e Mia Couto para novas edições de Drummond. Pensar – Estado de Minas, 1 abr. 2022 (atualização em 1 abr. 2022). Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/04/01/interna_pensar,1357002/leia-posfacios-de-ailton-krenak-e-mia-couto-para-novas-edicoes-de-drummond.shtml. Acesso em: 12 ago. 2024.

FREITAS, Fabiana Martins de; RODRIGUES, Jacinta Antônia Duarte Ribeiro. Letramento digital, multimodalidade e multiletramentos: desafios e caminhos possíveis para a educação. Revista Linhas. Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 304-323, maio/ago. 2022.

GELAMO, R. P.; GARCIA, A. V.; RODRIGUES, A. Descolonizar a Filosofia Brasileira: Desafios Éticos e Políticos para as Filosofias do Sul Global. Trans/ Form/ Ação, Marília, v.45, p.415-438, 2022, Edição Especial.

GUIDA, Ângela; MELO, Gleidson André Pereira de. O ativismo poético de Drummond: estudos animais e ecocrítica. Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 42, n. 1, p. 109–124, set. 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo / Ailton Krenak. – 2 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil / Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. – 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral/ Ailton Krenak. -1 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton, "O insustentável abraço do progresso ou era uma vez uma floresta no Rio Doce" In: DOMINGUES, Ângela; RESENDE, Maria Leôni Chaves; CARDIM, Pedro (orgs.), Os indígenas e as justiças no mundo Ibero-americano (Sécs.XVI-XIX), Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2019, p. 19-26

KRENAK, Ailton. Discurso na Assembléia Nacional Constituinte. Brasília, 1987. Disponível em: <https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br> .Acesso em: 30 jun. 2025

KRENAK, Ailton. Carlos Drummond e o afeto pelas montanhas. Entrevista concedida a Paulo Werneck. Rádio Companhia, Companhia das Letras, 7 ago. 2020. Podcast (33 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIEDiZnYY2M>. Acesso em: 30 mai. 2025.

Lili Entrevista. Lili entrevista | Ailton Krenak. YouTube, 2019–20. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Glz0hRuRXqc>. Acesso em: 28 set de 2023

LOPES, A. R. S. História Ambiental: Uma demanda contemporânea. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, [S.I.], v.23, n.2, 2011.

MIGNOLO, Walter D. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA. Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º sem. 2007. Traduzido de Ângela Lopes Norte. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

SOARES, Indirah Natali Silva. O Brasil contemporâneo em "Não se come dinheiro" de Ailton Krenak. Das Amazônias, Revista Dissente de História da Universidade Federal do Acre, [S. I.], v. 6, n. 01, p. 40–54, 2023. DOI: 10.29327/268903.6.1-3. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6533>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 318 p.

PODPICS. Ailton Krenak e Madel Luz debatem relação do homem com a natureza. [S. I.]: ObservaPICS/Fiocruz, 2023. Podcast. Disponível em:

<https://observapics.fiocruz.br/produtos/podpics/ailton-krenak-e-madel-luz-debatem-realacao-do-homem-com-a-natureza/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

RIBEIRO, Ewerton Martins; SANCHES, Teresa. Ailton Krenak: 'Não temos de fazer crítica decolonial, e sim, contracolonial'. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2 dez. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ailton-krenak-nao-temos-de-fazer-critica-decolonial-e-sim-contracolonial>. Atualizada em: 3 dez. 2024. Acesso em: 10 dez. 2024.

RÁDIO COMPANHIA. #117 – A poesia de Drummond por Ailton Krenak e José Miguel Wisnik. Blog Companhia das Letras, 2020. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6047/radio-companhia-117-a-poesia-de-drummond-por-ailton-krenak-e-jose-miguel-wisnik>. Acesso em: 12 set. 2024.